

Existência e realidade em *Ser e Tempo*

Existence and reality in *Being and Time*

ODIRLEI LUÍS MÜNCHEN¹

Resumo: Neste escrito, vamos explorar as conexões entre as experiências cotidianas e a filosofia de Martin Heidegger em *Ser e Tempo*, que busca compreender o "ser em geral" em sua estrutura ontológica e a existência humana em sua essência. Ele questiona as análises kantianas e procura descobrir os fundamentos da existência humana em qualquer contexto.
Palavras-chave: Heidegger. Ontologia. Existência. Ser.

Abstract: In this writing, we will explore the connections between everyday experiences and Martin Heidegger's philosophy in *Being and Time*, which seeks to understand "being in general" in its ontological structure and human existence in its essence. He questions Kantian analyses and seeks to discover the foundations of human existence in any context.
Keywords: Heidegger. Ontology. Existence. Being.

Introdução

Longe de querer esgotar a complexidade do pensamento heideggeriano, pretende-se, sutilmente, com este trabalho, estabelecer alguns paralelos entre experiências cotidianas de nossa existência com o horizonte aberto por Heidegger em *Ser e Tempo*, e determiná-las a partir desse horizonte.

Em meados do século XX Martin Heidegger, filósofo alemão nascido em Messkirch em 1889 procura pensar o sentido do "ser em geral", o sentido da totalidade do ente na qual nos compreendemos, a partir dos seus fundamentos e de suas conexões com a existência humana. Em certa medida ele parte do horizonte que Kant abre com as análises das superestruturas determinantes da emergência de mundo e da experiência humana de acesso à realidade, procurando dar uma nova amplitude ao questionamento na interpretação das possíveis lacunas da compreensão kantiana.

Esse empreendimento concentra-se na análise do fenômeno da existência humana em sua estrutura ontológica. No início esta ainda deve ser descoberta, a partir dos fundamentos atuantes em todo e qualquer contexto humano do existir,

¹ Bacharel em Filosofia da UNIOESTE -Campus Toledo em 2005 e Licenciando em Filosofia. Aluno bolsista do Programa PET (Programa de Educação Tutorial – pelo Mec/ SESu) pela mesma universidade.

para que posteriormente se possa pensar as ligações fundamentais do ser com a dimensão da existência humana.

Primeiramente, deve-se partir de uma interpretação adequada quanto ao que Heidegger determina como existência. Esta, como modo de *ser exclusivo do homem*, corresponde ao modo em que não se encontram outros entes e que não lhes convém como uma propriedade, no sentido categorial. Só o homem existe. Isto quer dizer que a pedra, a planta e o animal não existem, o que não significa que eu não os possa tocar, manusear, dispor deles... afinal, por serem entes, são algo como aquilo com que nós sempre contamos em toda interpelação acerca de qualquer coisa.

A realidade como um todo comporta “graus”, modos de ser, e existência é o modo privilegiado em que se dá uma abertura compreensiva que determina o homem como um “vir a ser” na relação consigo mesmo. Existência caracteriza o modo de um projeto temporal *desde, no e para* o qual se dá o advento da realidade do real. Esta, no sentido de sua efetividade, constitui o horizonte primário de compreensão e interpretação, em que guia seu existir. Entes como a pedra e o animal “não existem”, pois para eles a realidade do real não se abre compreensivamente. O animal “percebe” coisas do mundo, recebe estímulos e reage a eles, mas sem referência compreensiva de seu próprio ser como “aquele que age”, de modo que pudesse voltar-se sobre si mesmo e analisar os próprios atos desde uma re-flexão.

A essência do humano, o conjunto de estruturas que determinam a abertura a qualquer contexto de todo existir individual Heidegger determina como *Dasein*². Existência é o modo que põe em jogo, nessa abertura, a história da humanidade do homem, submersa no tempo e no acontecer histórico de seu próprio movimento.

Geralmente *Dasein* se traduz por “existência”, querendo referir-se a efetividade, a objetividade do real, e até Kant fora considerada uma categoria, comum a todo ente. De fato, há uma particularidade intrínseca entre *Dasein* e existência, pois esta, enquanto realidade do ente, sua efetividade, só se põe acessível mediante o ente para o qual se manifesta a “realidade” – o homem, em seu *Dasein*

² Literalmente, este termo encontra correspondência no português na expressão composta *ser-aí*. *Dasein* é a ligação do verbo *ser* (*sein*) no infinitivo com a partícula locativa *aí* (*da*). Remete então, dito grosseiramente, à abertura de sentido pela qual o homem faz a experiência da realidade.

histórico. Existir, em sentido originário, não consiste apenas em fazer parte da realidade, mas em fazer a experiência significativa em que esta vem ao encontro numa compreensão e tonalidade afetiva específicas.

O homem é tocado pelo manifestar-se do real, que lhe vem ao encontro como um meio e fonte de possibilidades de realização voltadas para o futuro, por isso, seu projetar-se é sempre um projetar-se em possibilidades *porvindouras*. Nesse sentido o homem é sempre um *projeto*, incompleto, me parece claro, e sempre na busca por si mesmo, sem jamais se completar. E isso porque a morte é o limite, deixando o enfado da finitude e o fato lidar com esta como “essência” da existência humana.

Em caracteres gerais, existir, no sentido em que a hermenêutica de Martin Heidegger põe em jogo no seu movimento de pensamento, é um projeto em que o homem realiza a si mesmo, “entre” o concreto e o abstrato, o fatural e o casual, o efetivo e o possível, o ôntico e ontológico...entre o nascimento e morte, que cada um assume e conduz como seu próprio ser, como si mesmo, e em que, por já ter assumido como seu “poder-ser”, o homem é livre para “ser”, pura e simplesmente.

Outro passo determinante consiste em compreender o questionamento heideggeriano acerca de dois elementos nucleares de seu pensamento – *ôntico e ontológico*. Heidegger chama a atenção, quanto ao uso destes elementos; eles designam uma duplicidade da dimensão do real, mas não uma separação. Há por certo a dimensão objetiva, “concreta”, do real; mas, além desta dimensão meramente “ôntica”, como uma espécie de “pano de fundo”, o que determina o “acesso” que nós fazemos a ela é o elemento que Kant, por exemplo, chamou “transcendental”. Designa a dimensão da consciência de ser, de presença, disso que nos aparece como realidade. A experiência da realidade em que nos movemos é condicionada *a priori* por essa dimensão ontológica, em que se dá um acesso compreensivo e reflexivo ao real.

O “humano” desvelar-se do real

Heidegger busca uma via de interpretação para o sentido do ser, “elemento” pelo qual tem sentido a realidade do ente, guiado pela pergunta fundamental acerca de nosso próprio ser. É certo que encontramos muitos entes dos quais dispomos,

com os quais lidamos, mas o homem mesmo é um ente privilegiado, e este privilégio reside em seu próprio ser, pelo qual unicamente a realidade se põe acessível.

Há uma infinidade de entes que nos afetam, excitam, comovem, atemorizam... Mas estes não existem, na correta acepção do termo. Existência é um modo de ser único e exclusivo em que, “ser afetado por...”, “ser excitado por...”, atemorizar-se... significa compreender-se nesses “estados”. Existência remete à experiência e à possibilidade de lidar com aquilo que nos aparece desde situações e vivências, e, nestas, com o nosso próprio ser, como o “sujeito” de tais vivências. Existir é a possibilidade de qualquer experiência possível, na experiência que o homem faz de si mesmo.

Para que se possa delimitar a diferença fundamental entre a existência do homem e as “existências” dos outros entes, em caracteres gerais, pode-se dizer que o humano faz a experiência da realidade na emergência de compreendê-la, ao passo que a pedra, a planta ou o animal, não compreendem a realidade nem a si mesmos, embora, como constatado em certos estudos, possam adaptar-se ao meio quanto à sobrevivência³.

Com relação ao ser vivo em geral, digamos que há uma espécie de “orientar-se” em meio à totalidade em que se acha inserido, mas de modo puramente instintivo, impensado, não-referencial. Por exemplo, um macaco não sabe que é macaco, e sequer questiona-se acerca de si mesmo, muito embora se possa pensar que, apesar de ser ele quem sinta dor, fome, sede, etc, haja flexão de pensamento sobre si mesmo (reflexão). O macaco exerce atividade no mundo a partir de si, o que até é óbvio, mas é um agir impensado, inconsciente e não-referencial, à medida que não se estabelece uma relação (compreensiva) de si consigo mesmo.

³ Aqui se pode aludir ao *behaviorismo*, que nasce da psicologia experimental e se configura como um estudo acerca do comportamentalismo. A psicologia aparece como ciência na Alemanha, por volta do séc. XIX, por utilizar o mesmo método das ciências da natureza, isto é, o método experimental. Visa a estudar o comportamento humano, mas, como não se pode submeter o homem a certos testes, observa-se o comportamento de certos animais, entendendo-se os resultados ao gênero humano. Um dos pioneiros nessa área foi o médico alemão Pavlov. Nessa mesma linha surge, na psicologia americana, o *behaviorismo*, tendo Watson como um dos pioneiros norte-americanos, seguido por Skinner que, a partir de experiências com ratos, constata uma certa dinâmica *condicionada* de adaptação do animal a certas necessidades impostas por condições criadas, de modo que há um certo “aprendizado”. Apesar disso, o animal não compreende aquilo que faz, pois o faz instintivamente para fins de sobrevivência. Ver: ARANHA, cap. 16 (confira referências bibliográficas).

Esse “lidar” consigo mesmo, no relacionar-se compreensivo-interpretativamente com seu próprio estar-aí, característico da existência, se diz da possibilidade que o homem tem de tomar-se como objeto de seu próprio questionar, como o ente capaz de agir e se compreender nesse agir. Lidar com si mesmo é um estar aberto para si mesmo, consciente de seu próprio estar-aí, “em jogo”. Lidamos conosco quando nos preocupamos com a saúde, com nosso bem-estar, quando cuidamos da aparência ao nos olharmos no espelho... ou seja, o tempo todo entre o nascimento e morte de cada um. E, essa característica existencial que nos determina como entes que compreendem a si mesmos, segundo Heidegger, advém da compreensão do ser em que nos movemos *a priori*, “antes” mesmo de encontrarmos coisas no mundo.

Heidegger aponta em *Ser e Tempo* (§1), que Aristóteles já havia designado, na *Metafísica*, que “uma compreensão do ser já está sempre incluída em toda apreensão do ente”. Isso significa que, para estarmos na possibilidade de encontrar entes do mundo, no mundo, a compreensão do ser (ontológica) já sempre nos perpassou e perpassa. Heidegger, porém, vai além quando afirma que em toda apreensão do ente está igualmente *em jogo* uma *compreensão de mundo*.

Outro aspecto fundamental da existência: o fato de mundo ser constitutivo do *Dasein* histórico do homem, e lhe constituir o horizonte fundamental de compreensão para o qual ele está aberto e direcionado “antes” de voltar, e poder voltar, a atenção para a totalidade ôntica em que encontra, por toda parte, entes.

A compreensão eminente de mundo em nosso existir, que guia o agir prático e teórico de cada um, corresponde apenas ao âmbito secundário em meio ao qual estamos – a dimensão objetiva do real. Não se quer negar o dado empírico da nossa experiência, pois é de fato entre entes reais que nos encontramos, mas mundo faz sentido “antes” de nos depararmos com coisas no e do mundo, desde compreensões ou incompreensões a seu respeito. Para a pedra, a planta ou o ser vivo em geral, em seu ser “simplesmente dado”, não há mundo, não há “realidade”, pois do que nós consideramos e compreendemos como realidade, eles não se dão conta.

O humano é o ente que se caracteriza pela peculiaridade de experimentar significativa e afetivamente o mundo, à diferença da pedra e do ser vivo em geral. Algo qualquer somente pode vir a ter um significado qualquer ou carecer dele, para

o humano, pois se dá desde um horizonte interpretado e compreendido numa comunidade de compreensão e interpretação, que já está aí antes dele, e que ele “acessa”.

Em linhas gerais, pode-se dizer que: (a) *existência* é um modo de ser em que unicamente o homem está lançado e desde o qual tem de perfazer a si mesmo, desde o horizonte que dispõe, de compreensão, ação e realização – Mundo; (b) *Mundo, existência, Dasein e humano* são interdependentes e formam uma unidade temporal aberta para si mesma, e que age sobre si mesma. *Mundo* constitui o horizonte significativo primário de ação e compreensão para a *existência*, em cuja possibilidade o *humano* está lançado, e para o qual se abre a totalidade do ente – essa abertura é o que chamamos, com Heidegger, *Dasein*.

Heidegger busca um horizonte de compreensão para o sentido do ser em geral no ser do ente humano, à medida que qualquer investigação, quer seja científica, quer seja filosófica, são atitudes humanas. Nesse sentido o homem possui uma primazia frente aos demais entes. Por isso, a análise de suas estruturas fundamentais constitui, em *Ser e Tempo*, o ponto de partida da investigação. Essa análise existencial de Heidegger, a hermenêutica do *Dasein*, é sobremaneira fundante para qualquer discussão sobre o ente humano, pois se volta para os fundamentos.

148

As estruturas existenciais de abertura do real

Existenciais são as estruturas que articulam a totalidade do fenômeno da existência humana em que se dá o advento da realidade, de onde emanam todas as referências e para onde retornam. Tais estruturas ontológicas organizam e dispõem a totalidade do *ser-no-mundo*⁴, estrutura desde a qual o homem detém a possibilidade de fazer a experiência significativa da realidade do mundo. *Ser-no-mundo* é a estrutura fundamental do ser (*Dasein*) do homem e o modo de ser em que se dá a abertura de mundo em termos de pensamento, linguagem e afetividade. As

⁴ *In-der-Welt-sein* é o correspondente alemão. Heidegger utiliza freqüentemente um peculiar recurso de sua língua, qual seja, o da formação de palavras para a cunhagem de conceitos que visam a exprimir, cada qual, uma gama de relações interconectadas, cuja unidade corresponde ao todo do fenômeno. *Ser-no-mundo* é um desses conceitos e designa a unidade da estruturação dos possíveis modos de ser que se dão onticamente.

estruturas que compõem esta estrutura fundamental são: *Compreensão, Linguagem, Disposição e Projeto*.

Mundo é igualmente um existencial, isto é, faz parte da estrutura do ser (*Dasein*) do homem, e requer uma atenção preliminar no projeto heideggeriano em *Ser e Tempo*. Nesse sentido, já se aludiu e deve-se ter sempre em conta: o homem está ligado ontologicamente com o mundo. Isto quer dizer: desde uma compreensão do ser, e não a partir da experiência da presença efetiva dos entes dentro do mundo.

Por nos movermos nessa compreensão ontológica – compreensão prévia do ser – lidamos com entes, de modo que podemos pensar e até falar neles. É nela que se nos abre a realidade do real. Nessa abertura, deparamos conosco mesmos, aí, em meio ao horizonte de sentido no qual lidamos, agimos, empreendemos, projetamos. Esse horizonte de compreensão mais imediato que guia nosso existir é o que Heidegger designou como mundo. A compreensão imediata em que “mundo” significa a totalidade dos entes é secundária, e já se dá sempre desde a compreensão ontológica, que nos carrega e acompanha.

Heidegger procura descrever o estatuto mundante do mundo, o que não implica numa descrição (nem ôntica nem ontológica) de entes, mas no caráter do desvelar-se do mundo nas coisas, o reportar-se imediato das coisas ao mundo, a compreensão prévia que acompanha aquilo que vem ao encontro – o prévio dispor de um horizonte referencial.

Desde essa pré-compreensão de mundo é que cada qual constrói durante sua existência uma idéia de mundo “particular”. Isso não quer dizer que “mundo” seja algo subjetivo, mas que a diferença na compreensão e interpretação se dá na existência particular de cada abertura, desde a qual se vai descobrindo e mapeando aquilo que se abre como “mundo”. É certo que o mundo “do” agricultor e o mundo “do” médico, por exemplo, são diversos e que os seus “personagens” se compreendem a partir dele de forma diversa, mas essa “compreensão” diversa se funda na compreensão ontológica que determina a todos e cada um.

Somente o humano é um “ser no mundo”, pois está na abertura da dimensão em que o real aparece, em que pode ser “recortado” do todo do acontecer e ter um sentido específico para uma “consciência”, ou ainda, carecer dele (como nos

fenômenos da angústia e do tédio, por exemplo)⁵. Essa peculiaridade implica várias coisas: (1) o homem é um ente mundano capaz de interpretar a realidade do mundo e se compreender nela; (2) o real constitui seu horizonte de compreensão, interpretação, projeção e ação, onde pode conhecer o revelado e transmitir os conhecimentos para uma compreensão comum; (3) estamos ligados afetivamente com a realidade do mundo, por isso ficamos entediados, angustiados, tristes, alegres, emocionados... (4) podemos fazer uso da linguagem para compartilhar uma compreensão comum, pois ela é um instrumento de abertura e acesso ao real.

Isso implica em que, na facticidade da nossa existência, nos deparamos com nosso próprio ser, com a realidade do mundo e com outros entes no modo de *Dasein*. Ser-no-mundo compreende tudo isso: uma abertura prévia e significativa a nós mesmos, ao mundo e a outrem. Mas esse encontrar o outro não remete apenas a uma simples presença corporificada de algo, pois o outro pode me afetar de muitos modos a ponto até de mexer com meu ser, e de modo tal que tenha de me recompor logo em seguida. Isso caracteriza outro aspecto fundamental do humano: a preocupação, que se distingue da mera “ocupação” com algo qualquer. Isto implica em que, sempre e a cada instante nos ocupamos com algo, com entes, no sentido de prover, produzir, manusear... com outrem, porém, não simplesmente nos ocupamos deles, mas nos preocupamos com eles. Podemos, por certo, dizer que nos “preocupamos” freqüentemente com algo – com nosso carro, por exemplo –, mas essa “compreensão” é confusa, já que com coisas nos ocupamos (mesmo quando se trata de “cuidar” delas). Embora possamos nos “preocupar” com a possibilidade da ocorrência de um fato qualquer desagradável com algo, jamais se iguala à preocupação por outrem, ao temer por outrem. E mesmo, somente se pode afeiçoar por algo qualquer, porque nosso ser é determinado pela *solicitude*, ou *cuidado*.

O homem compreende a si mesmo e à realidade desde uma articulação da compreensibilidade, que “emana” de sua abertura própria, do real que vem ao

⁵ Esses fenômenos têm um papel fundamental no ser do homem, afinado sempre pela afetividade, e as análises destes são extremamente densas e profundas. Heidegger procura pensar a abertura do ser-no-mundo quando este é arrancado de seu entorpecimento pela angústia ou pelo tédio; quando isto acontece, a totalidade perde o sentido temporariamente, e o ser-aí do homem pode-se deparar com o nada em meio à totalidade. Tais fenômenos não têm um “objeto” próprio, pois o homem se angustia ou entedia com seu próprio ser-no-mundo, isto é, estes fenômenos se dirigem para a própria abertura, revelando-a na sua solidão (singularidade) e finitude.

encontro nas emoções, interpretações, compreensões ou incompreensões acerca dele. O homem sempre se deparou com seu próprio acontecer na sua compreensão imediata da realidade, imersa na ocupação mundana, compreensão que Heidegger chama *inautêntica*, como fruto de uma compreensão e interpretação impróprias de si mesmo.

A compreensão impessoal cotidiana

Até aqui, viemos tratando dos aspectos fáticos da existência humana cotidiana – ter mundo, compreender, pensar, agir, falar, empreender, sofrer, etc. – a partir dos aspectos fundamentais desenvolvidos por Heidegger na *analítica existencial*. Por fim, cabe agora determinar a compreensão pela qual todo humano “compreende”, de imediato, mundo, e guia o desdobrar-se de sua existência.

Na experiência efetiva de seu existir, cada homem experiencia a si mesmo em seu estar-aí no mundo, experiência que se encontra sempre articulada com uma compreensão da realidade que o ladeia. Porém, desde os primórdios de cada existir, essa compreensão que guia e determina todo ser-no-mundo encontra-se, a princípio e na maioria das vezes, deslocada de seu núcleo ontológico. Isto porque se espraia e se dirige para sua instância primária de compreensão, a realidade que vem ao encontro, a totalidade ôntica, o mundo das ocupações.

Esse se ater de imediato ao mundo das ocupações, desenvolve-se numa familiaridade tal que provoca uma imersão da compreensão na realidade do ente, de modo a encobrir os condicionantes existenciais que determinam e possibilitam o acesso à realidade.

O humano não apenas está “em meio” à realidade; está ontologicamente ligado a ela no seu compreender, por isso é capaz de agir, no sentido de tomar decisões. O real se compõe como horizonte de relações interconectadas entre o compreender e a experiência compreensiva do horizonte compreendido. É nesse horizonte que cada humano aparece como o sustentáculo, o núcleo de seu próprio existir. Não a soma das coisas que um “eu” pode encontrar à sua volta, mas o contexto significativo primário desde o qual compreende-se em seu caminhar para casa, após um dia de trabalho, em seu chutar pedras na calçada, enquanto caminha, e compreende o sol que o incomoda no caminho... Por toda parte, nos movemos na *significância* de

mundo, que nos dá subsídios para compreender, dispor afetivamente e falar, do mundo. É um compreender ontológico, *a priori*.

A compreensão ontológica não provém do exercício efetivo do existir, mas é anterior a ele, e fundante. O interessante é que, nas compreensões do ente ela se dilui, e se vela, embora não se “perca”. A raiz dessa tendência, de ser absorvido em compreensões ônticas, parciais, do real, Heidegger chama decadência, embora não implique qualquer juízo de valor “negativo”.

“Decadência” é o modo do ser-no-mundo do homem enquanto *Dasein*. O acontecer da realidade histórica do *Dasein* humano, se dá sempre e a cada vez numa “partilha” da compreensão de mundo. Isso porque a estrutura ser-no-mundo é comum a todo e qualquer humano. Ela perfaz a constituição existencial da abertura para o mundo, por conseguinte para o ente e para os outros homens, desde um horizonte comum de sentido que antecede e guia a convivência.

Decadência se diz da compreensão que dispomos a princípio e pela qual nos tomamos como fulano, sicrano, como médico ou ornitólogo – como este ou aquele indivíduo pertencente a tal ou qual família, etc. Isto implica em que sempre e necessariamente nos compreendemos historicamente, na perspectiva de um “eu” lançado em determinado contexto histórico, cuja compreensão de si e do mundo se acha sempre determinada pela época e pela cultura, ou seja, “impessoalmente”.

Impessoalmente porque remete ao modo de compreender de um ente “caído”, “lançado” no movimento de uma tradição que o precede, e da qual retira a fonte de compreensão e interpretação da realidade e de si mesmo. Em alemão, o pronome indefinido *man* – literalmente o “se”, usado impessoalmente, como em: “diz-se que...”, “vende-se...” – não define ninguém, pois permanece sempre indeterminado como possibilidade em que alguém se define. Corresponde também ao “a gente” no português, como em “a gente falou”, etc.

O que Heidegger quer com esse termo, é chamar a atenção para o modo de compreensão que dispõe e determina toda comunidade de compreensão e interpretação de um povo, dada historicamente, pois é historicamente que o homem se compreende em seu *Dasein*, que é histórico. Dito de outro modo, sempre encontramos juntamente com a realidade, fatos históricos e “dados” acumulados, que se transmitem de geração em geração, de modo a sempre ampliar a

compreensão de cada “época”. Porém, se, se atentar somente para estes dados ônticos, não se chegará a compreender seu aspecto ontológico.

A impessoalidade ontológica dessa compreensão está no fato de ser como um “pano de fundo”, ou “quadro interno” que articula o compreender comum. Funciona como uma interpretação “pública” da realidade, considerando-se “público” como, por exemplo, o espaço público de uma universidade, que não é de alguém determinado, mas “de todos” e cada um. Porém, a impessoalidade da compreensão não é um “espaço público” em que se pode ir e vir conforme a vontade, mas um dispor que é de todos, que arrasta a todos e cada um, mesmo que na maioria das vezes implicitamente.

Esse modo impessoal de compreender, diz-se que é de todos, comum a todos, sem que isto signifique que cada indivíduo não tenha ou possa ter sua própria opinião, e pensar o que lhe convém acerca do real, de si mesmo e de sua existência. É um compreender histórico. O indivíduo singular, ao deparar-se com seu próprio ser-aí (*Dasein*), toma consciência de si desde a historicidade de seu ser, a quem pertence uma identidade, uma cultura, uma língua, e que já tem “disponível” um mundo objetivo que o circunda, bem como uma determinada compreensão interpretada deste, mas que ele mesmo pode sempre interpretar e já sempre interpretou.

A historicidade do homem é condição de sua existência, pois sempre “precede” ao indivíduo e lhe “acompanha”, dispondo nele dados advindos de um conhecimento “compartilhado” da realidade pela qual se orienta. O “elemento” em que vigora esse compreender histórico é o tempo. Este compõe a “substância” em que se põe em jogo a abertura de cada humano, pois somente o homem lida com o tempo e nele se compreende. É nesse compreender-se temporal, pois imerso no tempo de seu existir, que concentra todo o seu agir presente com vistas ao porvir – ao futuro que lhe corresponde como possibilidade. Neste sentido, do homem não se pode dizer, a rigor, que é – como se fosse algo acabado –, mas que é um *sendo*, pois é atividade que se perfaz a cada instante, no seu processo histórico... até que se lhe feche a abertura; então se completa o ciclo da unidade de seu ser incompleto.

E todo esse “palco histórico” que precede o indivíduo, e desde o qual este se depara com seu próprio ser fluindo na história da humanidade, é o solo histórico no

qual repousa toda a compreensão de um povo, e, por fim, de cada indivíduo aí “lançado”. Nessa compreensão histórica e imediata que advém da convivência (ser-com), repousa a impessoalidade do modo de compreender comum a cada indivíduo, para a qual Heidegger nos aponta. É justamente essa peculiaridade de nosso ser que desvia nosso compreender (ontológico) para uma imersão na facticidade ocupacional da existência, de modo que podemos “sem mais” cuidar de nossas vidas, projetos, interesses, empreendimentos, afazeres... Enfim, para que se dê o jogo do existir do modo como o experimentamos.

Conclusão

Procurou-se abordar alguns aspectos da existência humana, conduzindo-se pelo horizonte do pensamento heideggeriano. Nesse contexto, parte-se da pergunta sobre a realidade do mundo e a compreensão que já trazemos dela. Essa compreensão ordena “a priori” todo o nosso comportamento diante da existência, de modo que é anterior e fundante de toda teoria, quer seja científica, quer seja filosófica.

Mundo (enquanto realidade do ente) é considerado a partir do estatuto mundante de toda “mundanização”. Por exemplo: o médico vive em “seu mundo”, assim como o agricultor, o cientista... em cada um destes modos de abrir-se da realidade enquanto horizonte de atuação, significação, disposição e compreensão, todas as referências da realidade que se abriu convergem para o centro da abertura, para a unidade do mesmo em todas as vivências. Essa unidade é o que Heidegger designou como ser-no-mundo.

Nesse sentido, o *habitar* o mundo relativo à natureza humana no *Dasein* não consiste, em primeira instância, apenas em uma presença objetificada num mundo físico-espacial, mas em um *habitar* a abertura que abre para a existência, a realidade do ente em sua totalidade. A abertura que determina o ser do homem é *Dasein*, é o espaço iluminado do ser que abre real desde uma compreensão ontológica, desde a qual podemos retirar perspectivas “subjetivas” (particulares) e “públicas” (comuns) dessa realidade. Existência e realidade se mostram então em sua reciprocidade ontológica fundamental. A realidade do ente só se põe a descoberto na realidade do *Dasein* humano. É pela existência do homem que a totalidade se põe a descoberto

na luz de uma compreensão, tornando-se assim disponível inclusive para a investigação científica ou filosófica.

Heidegger procura desvendar o que subjaz à totalidade do ente e determina que seja experimentado exatamente desse modo como experimentamos. Não é nenhuma evidência ôntica, mas o que antecede todo conceito ou toda proposição, aquele âmbito das estruturas pelas quais pode se dar algo do teor da existência humana, como o núcleo de sentido para a realidade do ente. O ponto de partida na busca de um horizonte de interpretação para o sentido do ser em geral é a dimensão ontológica em que se dão em conjunto homem e realidade – a compreensão do ser, à medida que o modo de ser do homem é a ocasião para que o ser possa chegar a uma compreensão explícita, tarefa de todo o pensamento posterior.

Por outro lado, este trabalho intencionou a abertura ao horizonte do questionamento que Heidegger nos abre com suas atitudes fenomenológicas em relação à existência. Mas constitui apenas uma indicação do caminho a seguir na busca por uma compreensão mais profunda de nós mesmos, pois a jornada desta empreitada é longa e sinuosa, e o próprio Heidegger nos fornece apenas subsídios, embora não sem fundamento e de grande valor teórico. É que questões como essas, da Filosofia, são quase inesgotáveis em sua amplitude e magnitude.

155

Referências

ARANHA, Maria L. de Arruda & MARTINS, Maria H. Pires. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2000.

ARENHART, Lívio Osvaldo. *Ser-no-mundo e consciência-de-si: uma leitura dos escritos fenomenológicos de Martin Heidegger a partir de um conceito filosófico-analítico plausível de consciência-de-si imediata*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Partes I e II. 3. ed. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis (RJ): Vozes, 1989.

_____. *Que é metafísica?* Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

_____. *Que é isto – a filosofia?: identidade e diferença*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

_____. *Carta sobre o Humanismo*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Moraes, 1991.

_____. *O fim da filosofia: ou a questão do pensamento*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

_____. *Introdução à metafísica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

_____. *Que é uma coisa: doutrina de Kant dos princípios transcendentais*. Trad. Carlos Morujão. São Paulo: Edições 70, 1992.

_____. *Kant y el problema de la Metafísica*. Trad. de Gred Ibscher Roth. 2 ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

RÉE, Jonathan. *História e Verdade em Ser e Tempo*. Trad. José Oscar de Almeida Marques e Karen Volobuef. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger, um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. Trad. de Lya Lett Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2000.